



DOSSIÊ

Liames Brasil-África: Confluências em fluxos e refluxos transatlânticos

Antonio Filogenio de Paula Junior (ICHSA/UNICAMP)

Eduardo Marandola Jr. (UNICAMP)

Organizadores

Apresentação

Caras leitoras, caros leitores,

É com enorme satisfação que entregamos, como uma oferenda a ser ritualizada em sua acolhida crítica, este material que é fruto de um esforço coletivo em estabelecer diálogos em diferentes frentes, na perspectiva de que os encontros sejam sempre realizáveis em qualquer instância.

Estes encontros são, no âmbito acadêmico, parte constante de uma agenda regular que procura estar atenta e acompanhar as demandas científicas em seu espectro amplo. O seminário de pesquisa é uma dessas possibilidades e, em nosso caso, o grupo de pesquisa alcança capilaridade e reverberações produtivas e satisfatórias nesse tipo de proposta científica aberta para toda a comunidade.

O NOMEAR – Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia é um coletivo sediado no Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência (LAGERR) da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da UNICAMP, em Limeira. O grupo envolve pesquisadores de várias universidades do país, assim como alunos de graduação e de pós-graduação de várias áreas do conhecimento, em especial os programas de pós-graduação em Geografia (Instituto de Geociências/UNICAMP) e Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (FCA/UNICAMP).



Com orientação voltada para a Fenomenologia e suas aberturas, o grupo tem se dedicado a diferentes temas de investigação. Isso vai desde as relações com as artes, a filosofia, dimensões simbólica e cultural da experiência cotidiana até o sentido de lugares, paisagens e territórios. Tendo em vista a pesquisa, mas também a ação, nos campos do planejamento e das políticas públicas, da academia e da educação.

Os Seminários Locais do NOMEAR têm sido realizados para potencializar a discussão específica desses temas, reunindo convidados externos e participantes do grupo, com o objetivo de agregar elementos às nossas investigações por meio da exposição e do debate de nossas pesquisas e reflexões.

Na IX edição, voltamo-nos para o tema “Liames Brasil-África”, buscando dar fôlego a pesquisas que têm sido realizadas no ICHSA, bem como às articulações na linha de pesquisa “Situacionalidade e posicionalidade do pensamento”, que tem entre suas temáticas as epistemologias africanas e afrorreferenciadas.

O evento contou com um pesquisador de pós-doutorado do ICHSA, estudantes egressos do NOMEAR e outros convidados externos, especialistas na temática, que trouxeram contribuições para pensarmos as múltiplas dimensões das relações Brasil-África atualmente e suas possibilidades para um pensamento geográfico aterrado.

O resultado desse seminário surge agora em forma de dossiê (acrescido de outras contribuições do grupo), no qual apresentamos ao público leitor as pesquisas desenvolvidas pela universidade. Elas percorrem itinerários diversos que revelam como estes liames continuam acontecendo em uma diversidade de interesses e preocupações investigativas, tais como veremos nos trabalhos aqui elencados.

Destacamos que a proposta dessa edição do seminário e do presente dossiê é pautada na ideia de conceber o continente africano como referencial de origem da narrativa. É a partir da experiência civilizatória e vasta construção epistemológica africana em diálogo que se busca compreender a extensão desses saberes no Brasil. Essa perspectiva considera o liame como um canal permanente de fluxo e refluxo,



conectando visceralmente a experiência africana de ser-com em ambos os lados do Atlântico.

Enquanto estávamos na revisão final desse material, recebemos a triste notícia do falecimento do Prof. Dr. Frédéric Jean Marie Monié, da UFRJ, um querido amigo e companheiro nas pesquisas geográficas sobre o continente africano. Dedicamos esse dossiê à sua memória.

O texto **“Um singelo abraço e um até breve a um amigo”**, elaborado por Nelson Cortes Pacheco Junior e José Júlio Júnior Guambe, que trabalharam diretamente com ele, reflete o reconhecimento e a gratidão de cada um de nós ao Fred, como gostava de ser chamado.

No artigo **“Confluências entre Brasil e África atualizando Macunaíma de Mario de Andrade sob olhar da crítica literária africana endossada no Kaydara de Amadou Hampâté Bâ”**, de Aboua Kumassi Koffi Blaise, é apresentada a ligação da África do Oeste e o Brasil pela literatura, ao desvelar convergências sutis entre ideias e, conseqüentemente, entre os autores das respectivas obras literárias em um encontro movido pelos estudos da tradução.

Em **“A tradição oral como fundamento da filosofia da oralidade: um encontro com Amadou Hampâté Bâ”**, de Antonio Filogenio de Paula Junior, é apresentada a relevância de pensar a tradição oral e suas contribuições para a filosofia e as ciências humanas e sociais em um diálogo propositivo com a fenomenologia, especialmente ao voltar às coisas mesmas e permitir que elas se desvelem como sujeitos de sua própria narrativa e sentidos.

Nas reflexões sobre **“Ciência geográfica e geo-grafias: reflexões quanto à geopolítica do conhecimento a partir do contexto africano”**, de Elisabete de Fátima Farias Silva, é possível compreender as reverberações das epistemologias africanas e afro-brasileiras no modo de pensar e de fazer geografia, sobretudo com contribuições que vêm sendo acolhidas na Geografia Humanista, ao propor outras sensibilidades de mundo.

No texto **“Grafias vivas de mulheres negras: cidade, slam de poesia e tradição oral africana”**, de Beatriz Santos de Souza, a performance do *Slam* ganha forma,



corpo e território ao enfatizar a atualização de elementos essenciais da oralidade africana em estéticas urbanas que preservam de modos próprios os aspectos principais da tradição oral africana, tais como: comunidade, solidariedade e interação, movidos especialmente por mulheres ao ocupar espaços públicos e neles estabelecerem relações de acolhimento, educação, pertencimento, reconhecimento e diversão.

A religiosidade é presente no texto **“O compartilhar do sagrado mazione: o acontecer inter-munthu na experiência religiosa”**, de Nelson Cortes Pacheco Junior, em que a experiência de fé mazione, em Moçambique, é um fenômeno que apresenta complexas relações culturais, em que simbologias, sentidos e significados demonstram modos de ser e estar que desafiam as lógicas simplistas de compreensão da vida e a constituição de lugares sagrados.

Em **“Violências epistêmicas, colonialidades e fronteiras de África: saberes, poderes e territórios”**, de Rodrigo Corrêa Teixeira, a reflexão acerca do impacto colonial e do apagamento das epistemologias africanas pela negação dos modelos civilizatórios de seus povos permite pensar o quanto se perde no diálogo contemporâneo, especialmente no que concerne às relações humanas, políticas e sociais no mundo.

No artigo **“Tornar-se negro para quem? Um diálogo entre Brasil, África do Sul e a memória ancestral africana”**, de Douglas Vitto e Juliana Maria da Silva Xavier, a questão racial se apresenta como vetor de modos de relação que inferem ao ser negro a condição desafiadora de busca por refazer as condições da sua própria existência no mundo. Reverberando a obra de Neusa Santos, em uma perspectiva fenomenológica, o tornar-se negro se apresenta como enigmático e potente na busca pela compreensão das perversidades do racismo, ao mesmo tempo que retoma ontologicamente o ser negro a partir da sua memória ancestral africana.

Na análise proposta em **“Corpo-território: fenomenologia de Fanon e a redescoberta da África através da literatura e da corporeidade”**, de Fernanda Cristina de Paula e Luiz Tiago de Paula, o corpo-território ocupa de modo especial a reflexão acerca dos mecanismos de resistência e de resiliência diante da sociedade



racista, a partir de uma perspectiva fenomenológica, sobretudo ao negociar espaços de existência possíveis, entre eles, a literatura, nos quais as condições do corpo negro estão sob constante risco. No entanto, a sua existência é sempre revigorada pela ancestralidade africana que o habita.

No artigo **"Geograficidades para além-mar: Brasil-Africa e outros "cantos" na escrita de mulheres negras na sala de aula"**, de Fernanda Viana Nogueira e Taís Alves Teixeira, reflete-se a relação entre o pensamento de Carolina Maria de Jesus (Brasil), Françoise Ega (Martinica) e Paulina Chiziane (Moçambique) para o resgate de uma geograficidade coletiva que extrapola as fronteiras e tem, na experiência epistêmica africana, sobretudo em suas travessias, uma materialidade passível de reconhecimento além-mar. E, a partir disso, pensar as possibilidades de construção de outras narrativas no Ensino Básico.

No texto **"De África ao Brasil, da brincadeira ao esporte: um lado do gorro de Exu na cultura brasileira"**, de Gabriel Orença Sandoval, o argumento parte da diferença entre a chegada de Exu e a do futebol ao Brasil. Enquanto o primeiro desembarca a partir da chegada de africanos e africanas escravizados, o outro não passa a ser jogado somente quando Charles Miller aporta em território sul-americano – antes dele, já se jogavam, de maneira informal, vários jogos de bola com os pés. Assim, pretende-se perceber o quanto de traquinagem exusíaca há na interface entre esse futebol gingante e o institucionalizado.

A pesquisadora e professora Mayara Matsu Marinho apresenta a tradução do conto *"La fille au masque de bois ou Le piège des apparences"* – **"A menina da máscara de madeira ou A armadilha das aparências"**, de Amadou Hampaté Bâ.

O professor e pesquisador Lucas Scaravelli da Silva nos traz a resenha do livro **"Epistemologias Africanas: Percepções, tradições orais e produção de conhecimentos"** com organização de Mariana Bracks, Dulcídio Cossa e Aboua Kumassi Koffi Blaise. Este livro reúne artigos de pesquisadores africanos e brasileiros em torno do vasto conjunto epistêmico desenvolvido nestes territórios.



Estar atentos ao constante (re)encontro de aportes epistêmicos entre o continente africano e o Brasil é ampliar os desdobramentos desses liames que geram transformações em ambas as margens do Atlântico, com impacto global.

Esperamos que esse conjunto de textos possa contribuir nas pesquisas que seguem de modo cada vez mais potente ao mobilizar a compreensão mútua e, desse modo, permaneça fecundando e gerando modos de estar, cuja diversidade não seja estranhada, mas percebida e acolhida na trama de mundo que nos abriga.

Boa leitura!

Os organizadores